

Um Estudo sobre o Jornalismo Político no Bom Dia Paraíba¹

Felipe da Silva NUNES²

Suelly MAUX³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O jornalismo político é responsável por levar ao conhecimento do espectador o que acontece nos três poderes da República, a fim de que a sociedade informada possa exercer seus direitos e deveres. Tendo como base esta perspectiva, o presente trabalho faz um apanhado não rigoroso sobre o percurso do jornalismo político no mundo e no Brasil e realiza um estudo preliminar sobre o jornalismo político praticado no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco. Verificou-se que nesse telejornal os temas de política são veiculados, principalmente, a partir dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo e seus formatos, ajudando o telespectador a interpretar o que está sendo veiculado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo político; política; Bom Dia Paraíba; TV Cabo Branco.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade livre, o jornalismo cumpre o papel de mediação social e leva até o espectador as informações do que acontece no mundo político, possibilitando que cada indivíduo que compõe o tecido social possa exercer sua cidadania. Esse ciclo acontece quando a cobertura política é democrática, diversificada e acessível a todos. Assim, o jornalismo político auxilia, inclusive, o processo de aperfeiçoamento do próprio sistema democrático, já que para existir democracia é necessário que haja um público bem informado sobre os fatos políticos. Apesar desse consenso atual, a relação entre política e jornalismo nem sempre foi assim.

Ciro Marcondes Filho (2000) traça um perfil histórico do jornalismo e observa a relação desta atividade com a política em três fases distintas. Ao longo da trajetória da atividade jornalística, diferentes níveis de aproximação com a política partidária foram observados, desde a proximidade e ativismo político até o distanciamento dos fatos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduando do Curso de Jornalismo da UFPB, email: felipenunes.pb@globomail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: suellymaux@gmail.com.

Hoje, quando se fala de jornalismo político, refere-se ao jornalismo especializado na cobertura do que acontece nos três poderes da República (executivo, legislativo e judiciário). É nessa perspectiva que Martins (2005) e Seabra (2006) discorrem sobre o jornalismo político da atualidade.

Partindo dessa última perspectiva histórica, nos propomos, neste artigo, a estudar o telejornal Bom Dia Paraíba, exibido de segunda a sexta, das 6h às 7h30 da manhã, na TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo na Paraíba. O telejornal abre espaço para a política em seu conteúdo desde que foi criado, há quase 30 anos. O formato desse programa é reproduzido em todas as emissoras afiliadas da Rede Globo e representa, portanto, uma amostra de como a cobertura política é realizada na maior emissora de televisão do país e em suas afiliadas.

No Bom Dia Paraíba, as informações sobre política eram comentadas, até o final de Abril, pelo jornalista político Laerte Cerqueira. Todos os dias ele conversava ao vivo no estúdio da TV Cabo Branco com Patrícia Rocha, que é editora-chefe e apresentadora do telejornal, sobre os assuntos que dominam a pauta da política local. Geralmente, no telejornal, os fatos políticos são exibidos principalmente a partir de comentários e reportagens. Em algumas edições, as reportagens são seguidas de interpretações e comentários sobre o que é exibido, e em outros dias o telejornal traz somente a participação do comentarista sobre esses fatos, sem reportagens. No final de Abril, Laerte saiu do ar para realizar uma etapa do seu doutorado na Espanha, mas há previsão de que ele possa voltar para o telejornal após a conclusão dos estudos no exterior.

Acreditamos que, para entender como o jornalismo político no Bom Dia Paraíba se comporta diante dos fatos, faz-se necessário observar critérios como os temas discutidos na cobertura, enfoques aplicados a cada fato noticiado, o tempo destinado a cada tema e o gênero jornalístico utilizado nessa cobertura. Acreditamos que um dos caminhos que nos ajudam a entender o jornalismo político da atualidade e consequentemente a cobertura política do Bom Dia Paraíba, é estudar os gêneros jornalísticos a partir da perspectiva de Marques de Melo (2016).

Marques de Melo (2016) traça uma revisão de todo seu estudo acerca dos gêneros jornalísticos e reafirma, após investigações empíricas realizadas durante vários anos, que a mensagem jornalística deve ser entendida a partir de uma subdivisão em dois estágios: os gêneros e os formatos a ele submetidos.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada a este trabalho constitui-se de três etapas básicas, a saber: leitura bibliográfica para fundamentação teórica sobre jornalismo político e gêneros jornalísticos, pesquisa documental no endereço eletrônico do Bom Dia Paraíba e, para finalizar, um estudo de caso sobre as edições do telejornal previamente escolhidas para análise. Definimos para fins de análise as três edições do Bom Dia Paraíba com maior tempo destinado à cobertura política no mês de janeiro e início de fevereiro.

BOM DIA PARAÍBA

O Bom Dia Paraíba é o primeiro telejornal do dia exibido na TV Cabo Branco e tem duração de uma hora e meia, indo ao ar de 6h às 7h30, de segunda a sexta-feira. O programa tem como modelo o Bom Dia Brasil, da Rede Globo, telejornal que aborda conteúdos que vão desde política, esporte, moda, cultura etc, com reportagens, participações de comentaristas em estúdio e entradas ao vivo. O Bom Dia Paraíba mantém o formato do Bom Dia Brasil, porém dá destaque aos temas estaduais. Ao todo, a equipe que integra o telejornal é composta por 52 pessoas, dentre as quais está Patrícia Rocha, a editora chefe e âncora do telejornal, os editores Erick de Oliveira, Luís Sousa e Débora Cristina e os comentaristas Laerte Cerqueira com os destaques da política, Kako Marques acerca do esporte local, Wanicleide Leite que fala de saúde, Paulo Souto sobre direito trabalhista e Guilherme Baía que comenta finanças.

O Bom Dia é o primeiro telejornal local do dia exibido na TV Cabo Branco. A emissora estreou como afiliada da TV Globo em 1 de janeiro de 1987. Desde o momento da estreia, a TV Cabo Branco se tornou referência no Estado da Paraíba, tanto na estrutura quanto na audiência. Aos poucos, a empresa foi investindo em tecnologia, sendo pioneira em diversos aspectos, como no aspecto tecnológico. Um dos últimos investimentos foi a implantação da TV digital, a partir da fase de testes, em 2009, sendo oficialmente a primeira emissora a inaugurar a tecnologia na Paraíba. A empresa completou 30 anos em 1 de janeiro de 2017 e comemorou três décadas na liderança da audiência em todo o estado. Além do Bom Dia Paraíba, são exibidos o JPB1 e o Globo Esporte PB no horário do almoço e o JPB 2 à noite.

A cobertura política está presente no Bom Dia Paraíba desde a estreia do programa. Ao longo do tempo, diferentes abordagens foram utilizadas nessa cobertura, desde temas locais a nacionais, a partir de diferentes gêneros e formatos jornalísticos. Um dos quadros mais famosos do telejornal, “Minuto da política”, era comandado pelo jornalista Arimatéa Sousa, até o ano de 2016, quando foi abolido para dar mais espaço à política com o comentarista Laerte Cerqueira. Desde 2016, a cobertura política no telejornal ganhou novos formatos e mudanças na abordagem dos fatos políticos exibidos.

JORNALISMO E POLÍTICA

O jornalismo político da atualidade é entendido como a cobertura dos fatos que acontecem nos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) e dos fatos que acontecem graças à ação desses três poderes e da relação entre sociedade e governo. Apesar de não haver uma grande bibliografia sobre esta especialização do jornalismo no país, a dinâmica da política no Brasil atualmente faz com que o assunto seja cada vez mais debatido, tanto na sociedade quanto na própria academia.

O interesse pelo jornalismo político reflete também a consolidação da democracia no Brasil, após o período de ditadura militar. A realização de eleições a cada dois anos também torna mais presente a vida política do país no cotidiano das pessoas. Com um maior acompanhamento da política, a fiscalização dos políticos e a cobrança por atitudes mais éticas nas três esferas de poder se amplia. (Seabra, Roberto; De Sousa, Vivaldo; 2006, p. 7)

Marcondes Filhos (2000) traça três fases distintas para o jornalismo a partir de sua relação com outros elementos sociais, inclusive com a própria política. Do final do século XVIII a meados do século XIX, no chamado “primeiro jornalismo”, os jornais tinham uma forte marca literária e política. Nessa época, a partir da ascensão burguesa, informações políticas que antes eram omitidas passaram a ser expostas à sociedade por pressão da burguesia. As páginas dos jornais funcionavam como espaços de propaganda político-partidária e os textos jornalísticos eram escritos por intelectuais e pelos próprios políticos, que por vezes eram donos desses jornais.

Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para o segundo plano. Os jornais eram escritos com fins pedagógicos e de formação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e seu jornal, seu porta-voz. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um jornal [...] (Marcondes Filho, 2000, p.12)

Ao passar do tempo, com o advento das conquistas sociais como o direito ao voto e a

escolha de sistemas políticos, enquanto os jornais populares mantinham a tradição ideológica, os donos de grandes jornais passavam a ser guiados pelo lucro, quando o jornalismo chega à segunda fase, que conforme Marcondes Filho (2000), acontece no século XIX, com a modernização do processo de produção dos jornais. Os avanços tecnológicos possibilitaram aumento nas tiragens dos jornais em países como Estados Unidos e França. A partir desta fase, o jornalismo buscava alcançar um ponto de equilíbrio, a isenção em detrimento do engajamento político.

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu *valor de troca* – venda de espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica – passa a ser prioritário em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais. (Marcondes Filho, 2002, p. 13-14, grifo do autor)

O “terceiro jornalismo” é caracterizado pelo aparecimento e crescimento das empresas jornalísticas e dos grandes monopólios de comunicação, mas também pelo surgimento de novas formas de comunicação, de um “jornalismo publicitário” que vai descaracterizar o jornalismo no final do século XX. Nessa época, conforme Marcondes Filho (2000), o processo jornalístico torna-se menos engajado, perde o costume de questionar a política e os políticos.

JORNALISMO E POLÍTICA NO BRASIL

Seabra (2006) traça um perfil do jornalismo político no Brasil a partir da história do país. Para ele, o jornalismo brasileiro foi influenciado pela dicotomia centralização-descentralização da política ao longo do tempo.

À opção descentralizadora das capitâneas hereditárias segue-se a centralização do Governo Geral. À monarquia parlamentarista segue-se uma “República das Espadas”, que por sua vez cede espaço a uma Política dos Governadores, etc. Tal dicotomia marcou o caráter da política nacional e influenciou certamente o tipo de jornalismo forjado no país a partir de 1808, quando da vinda da Família Real para cá e a criação da Imprensa Régia. (Seabra, 2006, p.112)

Antes da vinda da Família Real para o Brasil, apesar de existir uma organização política no país, não havia condições materiais para a existência do jornalismo, fato que logo mudou quando a Coroa chegou no país.

Um mês após o decreto real que criou a *Impressão Régia*⁴, nascia o *Correio Braziliense - Armazém Literário*, comandado por Hipólito José da Costa e editado em Londres. De acordo com Seabra (2006), Hipólito via a necessidade, naquele momento histórico, de criar um veículo de comunicação que pudesse fiscalizar as ações da Família Real. Após o advento do *Correio Braziliense*, dezenas de outros jornais são criados, como o *Idade de Ouro do Brasil*, que prometia “as notícias políticas sempre da maneira mais singela”. Somente após a Revolução do Porto (1820) e a volta de D. João VI para Portugal, surgiam os primeiros jornais “livres”⁵ do país, como o *Revérbero Constitucional Fluminense* e o *Diário Constitucional*, editado na Bahia. Conforme Seabra (2006), apesar da liberdade de imprensa, esses periódicos mantinham suas ideologias políticas em defesa das ideias da Revolução Francesa e dos interesses políticos do Brasil sobre Portugal, por exemplo.

A imprensa brasileira e especialmente o jornalismo político, se firmaram nos anos que se seguiram, após sucessivos episódios que marcaram a política no país, como a Independência, em 1822, ano em que houve uma guerra ideológica entre os jornais, passando pela abdição de D. Pedro I, quando a imprensa passou por um período de afirmação, tornando-se porta-voz da opinião pública da época, conforme Seabra (2006).

O período Regencial, conforme Seabra (2006), foi marcado pela nitidez ideológica entre liberais e conservadores e cada grupo tinha seus jornais. Este foi um período em que os jornais se multiplicaram.

No início do Segundo Reinado, quando D. Pedro II já estava no poder, o jornalismo político entra em declínio. Nessa época, a imprensa reflete a conciliação política registrada no país, conforme Sodré (apud Seabra, p.120).

As idas e vindas da política contaminaram o jornalismo ao longo da história do país. Após a Proclamação da República, novamente o jornalismo político foi moldado pela política. Dessa vez, censurado. Os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, que estiveram à frente do governo, quiseram combater os jornais que defendiam a volta do antigo regime político. Esse período foi de 1889 a 1894.

⁴ Foi a primeira editora brasileira, criada por um decreto do príncipe-regente Dom João, e responsável pela edição de A Gazeta do Rio de Janeiro, jornal oficial do governo e o primeiro publicado em território nacional.

⁵ Quando se diz que esses jornais eram livres, refere-se à influência da Coroa. Apesar disso, tais veículos tinham uma linha ideológica definida.

A “política dos governadores”, que sucede a Era militar, traz de volta a velha política das oligarquias que mandavam no país e passavam agora a se alternar no poder a partir da política do “Café com Leite”⁶. Nessa época, conhecida como “República Velha”, dois grupos de comunicação disputavam espaço: *O País*, ligado ao agronegócio e o *Correio da Manhã*, que representava a classe média e fazia oposição à política da época. Os jornais que se colocavam como “isentos” acabavam não sobrevivendo. Segundo Seabra (2006), não sobrava espaço para quem quisesse fazer imprensa livre e independente.

Após mais esse ciclo da política brasileira, a “Revolução de 30”, que levou Getúlio Vargas ao poder, impõe, também, a censura à imprensa. Em 1937, o “Estado Novo” instaura uma ditadura civil e populista no país, que suprime a democracia e controla os jornais. Em 1939 o governo cria o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, que praticamente extingue o jornalismo político.

Já de 1945 a 1964, a imprensa brasileira e o jornalismo político viveram seu auge, com a redemocratização e a Constituição de 1946, conforme Seabra (2006). É nesse período que o jornalismo norte-americano passa a funcionar como modelo de jornalismo objetivo no Brasil. É nessa época, também, que surge o *lead*, através de *O Diário Carioca*.

Em 1964, parte da imprensa brasileira apoiou a chegada dos militares ao poder, contra a ascensão da esquerda, que segundo os grupos de direita da época, queriam implantar ideias comunistas no país. Nos primeiros anos de regime militar, jornais que não concordavam com o governo, foram reprimidos. Mais tarde, foi a vez dos próprios veículos de comunicação que deram voz aos militares. O conhecido Ato Institucional 5, publicado em 1968, cassou direitos políticos de parlamentares da oposição e permitiu a censura à imprensa e a espetáculos. O jornalismo político passava por uma crise sem precedentes. Apesar da forte censura, nesse período surgem as revistas semanais de informação, como *Veja* e *IstoÉ*, que traziam política em suas páginas.

Nessa época, ao passo que o jornalismo político sofria com a censura, o país registrava o “milagre econômico”, com taxas de crescimento de 11% ao ano. Nesse contexto, o jornalismo econômico ocupou o vácuo deixado pela política e exigiu dos

⁶ A política do “Café com leite” consistia em um acordo entre as elites do país, durante a República velha, para manter na presidência da República políticos de Minas Gerais e de São Paulo, alternadamente.

jornalistas um conhecimento mais especializado, conforme lembra Seabra (2006).

Apesar de todo o processo de censura e controle do jornalismo e da imprensa, parte do que conhecemos hoje como jornalismo político advém dessa época dura para os jornalistas.

As teorizações sobre os requisitos de imparcialidade e de isenção partidária para a análise política, que procura seguir a coerência de encadeamento dos fatos até a tentativa de antecipação dos próximos passos e avaliação das suas consequências, são posteriores à definição do modelo e provocadas pela necessidade de ajustamento ao arbitrio, à violência dos anos de censura. (Villa-Bôas, 2002, p. 67)

Mais Recentemente, o jornalismo político desempenhou igualmente um papel importante com a descoberta de escândalos de corrupção que abalaram o país. A denúncia que revelou o escândalo do Mensalão, esquema que consistiu no pagamento de propina pelo governo federal a parlamentares da base aliada durante o governo Lula, surgiu a partir de uma entrevista feita pelo então deputado Roberto Jefferson concedida ao Jornal Folha de São Paulo. Foi a partir da cobertura centralizada, conforme Nunes (2014), que o escândalo foi um dos fatos políticos mais discutidos no país durante anos. Mais recentemente, fatos explorados pelo jornalismo político dentro do mega-esquema conhecido como “Petrolão”, tornaram-se objeto de investigação do Ministério Público Federal e serviram de base para ações da Operação Lava-Jato, que investiga o atual escândalo, responsável por desviar cerca de R\$ 42 bilhões de reais da Petrobrás, segundo estimativas da Polícia Federal feitas em 2015.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Uma das maneiras de se entender o jornalismo político é observá-lo a partir dos gêneros jornalísticos. Através do estudo dos gêneros, se pode entender de que forma a informação está sendo levada para o receptor do conteúdo. No presente trabalho, não nos aprofundamos muito nas discussões de gênero, que são bastante complexas e sobre as quais nos aprofundaremos em outra oportunidade, mas levamos em conta as classificações feitas por Marques de Melo (2016), uma das mais difundidas e aceitas do meio acadêmico, e as classificações de Rezende (2000), que estudou especificamente os gêneros e formatos do telejornal.

Assis e Marques de Melo (2016) discorrem sobre os gêneros jornalísticos no jornal impresso, contudo o estudo deles contribuiu decisivamente com as pesquisas

relacionadas aos gêneros jornalísticos no telejornal. Assis e Marques de Melo (2016, p. 45) explicam:

No âmbito jornalístico, McQuail (2003, p.341) atribui ao jornal diário um papel seminal, funcionando como um “arquétipo”, ou melhor, como “protótipo” dos outros meios de Comunicação. É, pois, compreensível que o rádio e a televisão, meios eletrônicos tradicionais, bem como a internet, mais recentemente, tenham reproduzido ou buscado referentes no modelo de Jornalismo consagrado pela imprensa diária. E igualmente é aceitável que classificações de gêneros praticados em suportes eletrônicos (REZENDE, 2000; TEMER, 2002) ou digitais (SEIXAS, 2009; BERTOCCHI, 2010) se baseiem em diagnósticos focados em veículos impressos.

Nesse sentido, Marques de Melo (2009 apud Assis e Marques de Melo, 2016), propõe, a partir de um estudo aprofundado dos gêneros encontrados no jornalismo entre os anos de 2002 e 2007, a seguinte classificação de gêneros e formatos: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica), interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê), diversional (história de interesse humano e história colorida) e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço).

Rezende (2000, p. 146) parte da mesma perspectiva que Marques de Melo. Segundo ele,

O arcabouço teórico dos gêneros jornalísticos nos meios impressos serve como ponto de partida para a definição dos gêneros jornalísticos na TV, ou, mais especificamente, nos telejornais. Qualquer proposta de classificação deve remeter, contudo, às referências que as obras relativas à técnica de produção telejornalística oferecem para o clareamento dessa questão. [...] Para se ter um instrumento metodológico adequado, é preciso considerar, antes de tudo, as circunstâncias particulares que condicionam a incidência de gêneros jornalísticos em telejornais.

São dois os gêneros peculiares ao telejornalismo, de acordo com Rezende (2000): o informativo e seus formatos (nota, notícia, reportagem, entrevista e indicador) e o gênero opinativo e seus formatos (editorial, comentário e crônica). Os estudos de gêneros aplicados ao telejornal ajudam a esclarecer, também, os limites entre o jornalismo na TV e o praticado em rádio, jornais e revistas.

ANÁLISE DO BOM DIA PARAÍBA

Dia de exibição	Temas discutidos	Posicionamento	Gêneros utilizados	Tempo da cobertura política
23/01/2017	Mutirão carcerário, erosão da Barreira do Cabo Branco e vinda de Michel Temer à Paraíba e conflitos internos no PMDB da Paraíba.	Houve posicionamento sobre a importância do mutirão carcerário.	Informativo e opinativo	06'57''
27/01/2017	Aumento da taxa de iluminação pública em Soledade, decisão do prefeito de Soledade em proibir o uso das redes sociais durante o expediente de trabalho e volta dos trabalhos na Assembleia Legislativa da Paraíba.	O comentarista disse que o prefeito de Soledade tinha razão em determinar que servidores municipais não usassem redes sociais durante o expediente e defendeu seu ponto de vista.	Informativo e opinativo	05'46''
31/01/2017	Adiamento dos trabalhos na Câmara Municipal de João Pessoa, vinda do presidente Michel Temer ao Nordeste e visita do ministro Hélder Barbalho à Paraíba para visitar obras da transposição.	Houve posicionamento sobre o recesso dos vereadores. Para a apresentadora e para o comentarista, o recesso de 2017 foi muito longo.	Informativo e opinativo	07'19''
09/02/2017	Disputa pelo comando da CCJ do senado; transposição do Rio São Francisco; disputas internas no PMDB.	Apresentadora e comentarista defenderam a responsabilidade das prefeituras sobre obras da transposição.	Informativo e opinativo	04'49''

Edição do dia 23 de janeiro

Nesta edição, a participação de Laerte Cerqueira no Bom Dia Paraíba se iniciou com um tema não partidário, o mutirão carcerário, que é um esforço criminal para dar celeridade a processos criminais de presos provisórios e diminuir a população carcerária. O tema foi abordado, inicialmente, a partir de uma nota coberta, seguida de um

comentário. O comentarista e a apresentadora defenderam a medida. A erosão na Barreira do Cabo Branco também foi destaque na cobertura. Laerte falou dos deslizamentos que aconteceram no local e da preocupação em torno do problema, a partir de uma nota coberta. Também foi veiculada uma sonora com Noé Estrela, coordenador da Defesa Civil de João Pessoa. Laerte também se posicionou sobre esse assunto, quando defendeu que a Prefeitura de João Pessoa realizasse estudos para verificar se a passagem de carros no local poderia agravar o problema. O comentarista também falou sobre o planejamento para a vinda de Michel Temer à Paraíba e em seguida discorreu sobre conflitos internos dentro do PMDB em relação as eleições de 2018 na Paraíba, sem se posicionar. Verificou-se, portanto, que nos dois assuntos relacionados à problemas sociais e ambientais (superlotação de presídios e erosão), o comentarista se posicionou, defendendo medidas que atenuassem os problemas.

Edição do dia 27 de janeiro

A cidade de Soledade, do interior da Paraíba, foi destaque na cobertura política do dia 27 de janeiro. Duas reportagens foram exibidas: uma sobre o aumento aplicado pela prefeitura local na taxa de iluminação pública e uma decisão do prefeito da cidade em proibir que servidores públicos utilizassem redes sociais durante o horário de expediente. Após a primeira reportagem, o comentarista falou sobre o posicionamento da prefeitura, que defendia o aumento na taxa para melhorar os serviços prestados à população. Quanto à reportagem sobre a restrição no uso das redes sociais em horário de trabalho, Laerte se posicionou e defendeu a medida adotada pelo prefeito. No último minuto da cobertura política, o comentarista falou sobre a volta dos trabalhos na Assembleia Legislativa da Paraíba. Ele deu um panorama rápido de como seria a disputa entre a base aliada do governo estadual, com maioria de deputados, e a oposição.

Edição do dia 31 de janeiro

A edição do dia 31 de janeiro do telejornal contou com 7 minutos e 19 segundos de cobertura política. O primeiro tema abordado foi o adiamento do início dos trabalhos na Câmara Municipal de João Pessoa, através de uma nota pelada. O adiamento aconteceu por causa de uma reforma no prédio da Câmara. Logo após a informação dada pelo comentarista, observou-se um posicionamento da apresentadora e do próprio comentarista. Patrícia Rocha opinou e disse que a reforma na Câmara Municipal não

impede que vereadores trabalhem. “Se quiser trabalhar, dá”, disse ela. Em seguida, ambos concordaram que os vereadores tinham “um recesso muito grande”. O comentarista também defendeu alguns vereadores, sem citar nomes, e disse que eles estavam visitando comunidades durante o período de paralização. Outro assunto informado na edição do dia 31 foi a vinda do Presidente Michel Temer ao Nordeste. Através de nota coberta, Laerte Cerqueira informou como foi a passagem de Temer em Pernambuco. Logo após, uma reportagem detalhou como foi a visita do ministro às obras da transposição do Rio São Francisco na Paraíba. Sobre o último assunto abordado, não houve posicionamento do comentarista nem da apresentadora.

Edição do dia 09 de fevereiro

Na edição do dia 09, a disputa pelo comando da Comissão de Constituição e Justiça do Senado abriu a cobertura política. Laerte Cerqueira falou sobre os percalços enfrentados pelo Senador Raimundo Lira, da Paraíba, na disputa de cargos em Brasília. Outro assunto abordado na cobertura política do dia 09 foi a transposição do Rio São Francisco, especificamente sobre a notificação do Ministério Público Federal à Prefeitura Municipal de Monteiro por que o esgoto da cidade estava escoando para dentro do canal que receberia as águas do rio. Após informar o fato através de notas, a apresentadora e o comentarista criticaram o atraso das obras da transposição sob responsabilidade das prefeituras. A apresentadora destacou que as prefeituras têm uma responsabilidade grande nesse processo. O tempo da cobertura política nesse dia foi de 4 minutos e 49 segundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada no presente trabalho, chegamos a algumas considerações. A cobertura política no Bom Dia Paraíba segue uma tendência observada na cobertura política, a interpretação dos fatos para o espectador. O telejornal apresenta conteúdos políticos variados, não somente ligados à política partidária, mas às ações (ou falta delas) que emanam dos três poderes, como problemas sociais e ambientais, e retrata esses acontecimentos a partir, principalmente, dos gêneros informativo e opinativo e seus formatos. Apesar da diversidade de temas discutidos, percebemos que os assuntos só foram noticiados por causa de fatos que estavam em evidência no contexto das edições analisadas. Aparentemente, não houve a escolha

prévia de um tema político-social a ser discutido no programa. Constatamos também que nem o comentarista nem a apresentadora se posicionaram claramente sobre fatos político-partidários, mas expuseram suas opiniões em outras oportunidades, como aconteceu nos comentários acerca do mutirão carcerário e da erosão da Barreira do Cabo Branco. O tempo destinado à cobertura política varia bastante a cada edição do telejornal, indicando que o espaço dado a cada assunto pode ser definido a partir da importância dos fatos. Acreditamos que seria importante estudar, a partir de entrevistas, os cuidados que a equipe do telejornal precisa ter com a linha editorial da emissora durante a abordagem dos temas políticos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José Marques. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom, São Paulo, v.39, n.01, p.39-56, 2016.

Bom Dia Paraíba. Barreira do Cabo Branco volta a sofrer deslizamentos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/barreira-do-cabo-branco-volta-a-sofrer-deslizamentos/5595351/>>. Acesso em: 01 mai 2017.

Bom Dia Paraíba. Laerte Cerqueira fala sobre as notícias da política. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/laerte-cerqueira-fala-sobre-as-noticias-da-politica/5606312/>> Acesso em: 01 mai 2017.

Bom Dia Paraíba. Senador Raimundo Lira perde confronto para presidência da CCJ. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/senador-raimundo-lira-perde-confronto-para-presidencia-da-ccj/5639603/>>. Acesso em: 01 mai 2017.

Bom Dia Paraíba. Veja as notícias de política na Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/veja-as-noticias-da-politica-na-paraiba/5615344/>> Acesso em: 12 mai 2017.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2º. ed. São Paulo, Contexto: 2013.

REZENDE, Jorge. **Telejornalismo no Brasil** - um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000. cap. 145-159.

SEABRA, Roberto. Jornalismo Político: história e processo. In: SEABRA, Roberto; Sousa, Vivaldo de. (orgs.). **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEABRA , Roberto. SOUSA, Vivaldo de. (orgs.). **Jornalismo Político:** Teoria, História e Técnicas. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VILLA-BÔAS, Luiz Antônio. **Conversa com a memória:** a história de meio século do jornalismo político. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.